

## Tirar os muros entre viver, aprender, ser e fazer.

GILBERTO DIMENSTEIN\*

**Fazer da Vila Madalena, um dos bairros mais movimentados** da cidade de São Paulo, uma escola a céu aberto. Essa era uma das missões que um grupo de psicólogos, advogados, arquitetos, jornalistas, psicopedagogos e pedagogos tinha no início do projeto bairro-escola, conduzido pela ONG Cidade Escola Aprendiz.

A idéia é que praças, parques, ateliês, becos, estúdios, oficinas, empresas, museus, teatros, cinemas, parques de diversão, centros esportivos, bibliotecas e livrarias fossem explorados como extensões das salas de aula, formando trilhas educativas a serem percorridas.

O nome escolhido para batizar o projeto, Cidade Escola Aprendiz, traduziu a essência da ação: não deveriam existir muros entre o viver e o aprender, entre o ser e o fazer. Enfim, o objetivo era ampliar os espaços de aprendizado na comunidade e ainda criar programas que estimulassem os estudantes a se conhecerem e a intervir em seu meio, desenvolver uma gestão de parcerias envolvendo comunidade, empresas e escolas e formar um centro de capacitação para auxiliar educadores e líderes sociais.

As características da cidade selecionada também contribuíram para a implantação do projeto. São Paulo pode ser considerada um epicentro do terceiro setor, em que prosperam ações de responsabilidade social. Ela possui elementos de um laboratório a céu aberto, que combina capital humano com degradação urbana. Nela está a dualidade presente nos principais desafios brasileiros: de um lado, desemprego, violência e baixa escolaridade; de outro, suas eventuais soluções.

Apostamos que, nesse espaço, seria possível, em meio ao caos urbano, formar uma cidade que priorizasse,

em todo os seus espaços, o aprendizado. Enfim, a pretensão era fazer da Vila Madalena uma vitrine em movimento, que revelasse uma forma diferente de ensino.

O primeiro passo foi criar uma redação escola, a partir de uma *homepage*. A idéia era fazer da atividade um reforço à formação dos estudantes em leitura crítica da mídia.

### Para começar, leitura crítica da mídia.

**No início, o Aprendiz se alojou em um canto do laboratório** de informática do Colégio Bandeirantes, no bairro de Pinheiros, contíguo à Vila. Em 1998, uma antiga oficina de cerâmica, na rua Belmiro Braga, tornou-se a nossa primeira sede.

Tempos depois, nos mudamos para um galpão duas quadras acima de Belmiro Braga. Lá, alunos de instituições públicas e privadas construíam *sites* para entidades sociais. Essa ação, além de ajudar no desenvolvimento de habilidades tecnológicas, fomentava o sentimento de cidadania e o prazer de intervenção na comunidade assistida. E assim, a essência do protagonismo ia se fortalecendo e, com ela, a nossa própria missão, na qual o agente da mudança é o próprio beneficiário da mudança.

Pensando nisso, criamos um projeto de “Design social”. Dentro dele, que revelava uma nova concepção de ensino, o professor ocupava um lugar diferente no processo de aprendizagem. Ele atuava mais como um tutor a orientar os aprendizes. A “decoreba” da norma culta era deixada de lado e os estudantes partiam da leitura crítica da mídia e iam tecendo as ligações entre o mundo e eles próprios. Nesse espírito empreendedor, ensinavam e aprendiam juntos.

Outro fator que o Design Social contemplava é a diversidade entre seus participantes. Queríamos unir alunos das mais diferentes origens e classes sociais para criar possibilidades de aprendizagens pela dessemelhança.

\* GILBERTO DIMENSTEIN\* é jornalista, membro do Conselho Editorial da *Folha de S.Paulo*. Participa do *Board* do Programa de Direitos Humanos da Universidade de Columbia-EUA e criou a ONG “Cidade Escola Aprendiz”, em São Paulo.

Decidimos ir mais longe. Um novo galpão acolheu uma nova idéia: testar a educação pelas artes. E assim surgiu o ateliê de arte-educação, que recebeu o nome de “Escola da Rua”. A partir deste momento, as ações se proliferaram. Lançamos também o Projeto Sem Muros, que se baseava no antigo conto de João e Maria. Crianças e jovens deixavam pistas, rastros de mosaico nas calçadas, praças, muros e postes, como se fossem caminhos misteriosos a levar a algum tesouro.

A união da arte e da comunicação se tornou ferramenta útil no processo educacional e auxiliou os participantes a produzirem conhecimentos, a partir de seu ambiente. Contudo, chegamos a um ponto em que seria necessário misturar intervenção urbana com educação. Então, pensamos: se não existem recursos para disseminar uma escola integral da qualidade, por que não mapear os potenciais educativos da comunidade e integrá-los cotidianamente à sala de aula?

Conceitos como esses não são novidade. Sêneca, filósofo romano, dizia: “Não se educa para a escola, mas para a vida”. O educador Anísio Teixeira, influenciado por John Dewey, seguia essa linha de pensamento e implementou no Brasil as escolas-parque.

Interessado em unir o saber ao fazer e formar alunos para o trabalho e para a cidadania, Anísio propunha que os estudantes, espalhados em escola-classe (as salas de aulas), misturassem diversas atividades práticas. Daí parte o princípio de que experimentar é indissociável do saber e sabemos porque experimentamos. O que não experimentamos, esquecemos – o que, aliás, está escrito em textos ancestrais dos árabes.

### Alunos que ensinam professores

**Toda essa filosofia que prega princípios pedagógicos diferentes é bastante discutida, mas a efetivação de tais propostas se torna de difícil execução nas escolas, em geral, e nas escolas públicas, em particular, nas quais os educadores tendem a ser desmotivados, sobrecarregados, atrelados a um currículo defasado. Ou seja, esses professores não têm tempo nem estímulo para inovar.**

Identificando tais dificuldades, os projetos e idéias do Aprendiz percebem a necessidade de mesclar a escola desmotivada com a cidade acuada, romper a lógica do medo e manter as portas abertas. Fazendo essa análise, constatamos que estávamos fragmentados pelo bairro, espalhos em vários imóveis, todos ligados apenas por

caminhos feitos de azulejos, como as migalhas deixadas por João e Maria. Faltava um ponto de encontro para reunir os educadores e a comunidade.

Então, decidimos criar um Café. Com o plano, veio a idéia de transformar o terreno da frente em uma praça. As plantas deram um colorido todo especial ao espaço. O beco, antes lugar feio e sujo, deu lugar a uma sala de aula dos grafiteiros e, ao mesmo tempo, galeria de arte. Mais do que isso, tinha virado um símbolo – um lugar sem saída que apresentava uma saída.

Brotava um grão na grande São Paulo. Uma esperança que transformou o ensinar. Se a Vila Madalena servia como *showroom*, a Belmiro Braga atuaria como a vitrine.

Com a aglutinação dos projetos em torno do beco, as crianças ganharam uma equipe exclusiva de educadores comunitários. O espaço se tornou a própria personificação da imagem da escola a céu aberto. Surgia assim a “Escola na Praça”, que resumia toda a nossa filosofia, mesclando escola, comunidade e família.

Contudo, os progressos não escondiam a fragmentação da Cidade Escola Aprendiz. Cada núcleo parecia uma estrutura independente. Percorríamos os passos que criticávamos em uma instituição: o ensino fragmentado e disperso. Notamos que, se não agregássemos o conceito de tecido social, combinando urbanismo e educação, estaríamos dificultando o nosso caminhar.

Em 2002, apesar de o projeto ter alcançado grande visibilidade, a nossa saúde financeira não seguia tal linha. Com pouco dinheiro e a paralisação dos programas públicos que auxiliavam a nossa atividade, a situação começou a se agravar.

Para completar a fase negativa pela qual estávamos passando, o crack entrou no beco. Os traficantes nos encaravam como inimigos a serem combatidos e a polícia, sem coordenação, não conseguia zelar por nossa segurança. Ficamos ainda mais vulneráveis.

Contudo, esses complicadores não nos fizeram desistir. O Café seguia sempre cheio de pessoas interessantes e os jovens habitavam a praça como se fosse seu segundo lar. Todo esse clima nos fazia sentir o hálito da utopia. Nas manhãs, idosos se reuniam no café para aprender a navegar na Internet com a ajuda dos adolescentes e, de quebra, aproveitavam para tomar seu desjejum. Talvez, se não fosse o programa, eles estivessem tranca-dos em casa, sem compartilhar com a comunidade suas histórias de vida.



MELHOR QUE NINGUÉM.

1550 É 3RA CIDADÃO

100% CIDADÃO

100% CIDADÃO

Com Cidades  
de mão unidas  
ganhamos o mundo  
e a paz.  
PAZ

RELEMBRAR O DEPO  
QUE AS FOLHAS  
CAÍREM?

Para sempre  
sempre lembramos  
o melhor tempo  
da nossa existência

MAIA IPINTY  
LUCAS BRUNO  
GABRIEL  
IDONIE  
MARI  
GABRI NETO

PAZ  
2009  
PS: TE ADORAMOS

PAZ É AMOR

O bairro-escola implica justamente isso. Ele vem para trazer a vida, com suas imprevisibilidades, dores e delícias para o cotidiano do aprendizado. Um belo exemplo dessa didática é um grupo de alunos que aprendeu informática em nossas oficinas e causou uma revolução na escola onde estudavam. Os alunos descobriram que a instituição dispunha de equipamentos, mas eles não estavam sendo utilizados pelo simples motivo de que os professores, embaraçados, não admitiam a inaptidão para operá-los. Os “inconfornáticos”, como se autobaizaram, assumiram o controle e logo começaram a dar aulas a seus educadores. Mas, ao mesmo tempo que víamos o sonho de Paulo Freire se tornando realidade – o aluno ensinando o professor – seguia-se uma frustração. Mudou a diretora e aquela “liberdade” foi abolida.

A partir dessa experiência, percebemos que a adversidade gera oportunidade. Então decidimos centrar as energias no objetivo de erguer uma comunidade de aprendizagem. Para tanto, investimos na conquista de novos parceiros e na consolidação dos que já nos apoiavam.

### **Em busca do pedagogo comunitário**

**Buscamos parceiros nas redes municipal e estadual de educação** para que pudéssemos trabalhar, durante o horário de aula, com professores habilitados como capacitadores em projetos de arte e comunicação. Esses acordos permitiram que as escolas dos bairros, além de um quilômetro de onde estávamos situados, também participassem das ações.

A Vila Madalena é, assim, apenas o pólo irradiador, pois essa gestão de potencialidades não exige construção de prédios, espaços físicos, apenas a junção de peças e a boa vontade para mover engrenagens.

Representamos um processo em construção e, como tal, novas indagações surgiram: se o bairro-escola já envolve uma operação complexa na Vila, onde somos uma liderança e moramos, como seria a implantação da ex-

periência em outros bairros? A pergunta chegou em uma hora oportuna, já que encarávamos a educação como uma plantação em que vemos as sementes e nem sempre desfrutamos das árvores. Estávamos conscientes de que não poderíamos mudar rapidamente a mentalidade dos professores – acostumados a esquemas antigos de ensino – e da comunidade, desacostumada à prática do associativismo.

Para tanto, começamos a estudar como seria a condição ideal para a implementação do bairro-escola. A primeira exigência era dispor de uma liderança local, capaz de unir todos os membros em torno de uma proposta. Alguma pessoa ou instituição com um olhar educativo, preparada para fazer e manter as ligações para melhorar o aprendizado. E, diante de nossas experiências, percebemos que a pessoa que se encaixaria neste perfil seria o diretor da escola, pois, quando ele consegue desempenhar o papel de líder, motiva e articula a comunidade, as redes de aprendizagem se estabelecem mais facilmente. Por isso, era importante a nossa intervenção junto ao poder público na formação de educadores, até mesmo diretores, em pedagogia comunitária. A escola do futuro terá de dispor, em seu organograma, da figura do pedagogo comunitário.

E para auxiliar na organização de todos os projetos do bairro-escola, foi criada uma comissão que se reunia de tempos em tempos para um café da manhã. Durante os encontros, várias coordenadorias da subprefeitura (educação, cultura, juventude, trabalho e saúde), delegados do orçamento participativo, professores, diretores das escolas, artesãos e ONGs participavam, colocando à disposição seu conhecimento e suas especialidades. Dessa maneira, os custos tornaram-se administráveis.

Em 2004, já não era mais possível entrar na Vila Madalena, por qualquer lugar, sem esbarrar numa intervenção de arte. O ponto vital, para onde convergia toda a essência do Aprenderiz, localiza-se em torno do conjunto composto pelo beco e pela praça, deixando para bem longe os tempos sombrios daquele ambiente.

